JUDAÍSMO E CRISTIANISMO: DOIS CAMINHOS, DUAS CULTURAS AFINS!

Jacir de Freitas Farias

A modo de introdução: "A história dos três anéis"

Falar sobre a experiência de Deus é falar de mim mesmo, sobre a minha cultura. Onde estou, aí está a minha experiência de Deus. Religião e cultura caminham juntas. A religião é caracterizada pela cultura. Sou cristão porque meus pais o são ou foram. Falo português porque nasci no Brasil e não na China. Durante a vida posso aprender novos idiomas, conhecer outros povos, mas o que fica é o "sangue da minha cultura, do meu povo" que corre nas minhas veias. É impossível ser diferente. Viver é aprender da experiência, é ter a consciência que o novo sempre se tornará velho e o velho, por mais velho que seja, sempre será "novo". Mudamos, mudo eu e muda a minha cultura. Vivemos em um processo constante de mutação cultural. Valores vão e vêm. Em nossos dias, isso está ocorrendo de forma veloz.

Deus se revelou no passado e continua se revelando em nossos dias. Ele fez história com o povo da Bíblia. Este guardou na memória essa experiência humana e divina e a escreveu para que o tempo não apagasse a palavra criadora de Deus. Três grandes religiões: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, são o resultado da experiência cultural de vários povos com o Deus bíblico e monoteísta. Qual delas é a verdadeira? Essa pergunta foi feita em Jerusalém, lugar onde conviviam judeus, cristãos e muçulmanos, no século XII, pelo sultão Saladino ao sábio Natã. Este, depois de um tempo, voltou ao sultão e lhe contou a seguinte história:

> "Um senhor possuía um anel de inestimável valor: a jóia nele engastada tinha o misterioso poder de tornar agradável a Deus e aos homens quem usasse o anel com esta disposição. O senhor determinou que o anel ficasse para sempre em sua família. Ele o deixaria em herança a seu filho predileto; este faria o mesmo, e assim sucessivamente, sempre passando o anel de pai para o filho mais querido. Além do mais, o herdeiro do anel teria ainda a dignidade de príncipe. E assim aconteceu durante longo tempo.
>
> Por fim, o anel foi parar nas mãos de um senhor, pai de três filhos. Aconteceu que ele amava os três igualmente. Ora parecia gostar mais de um, ora de outro, ora do terceiro. Chegou a prometer o anel a cada um deles. Na hora da decisão, não querendo decepcionar a nenhum dos filhos, mandou confeccionar mais dois anéis iguaizinhos ao primeiro. Tão iguais ficaram que nem ele mesmo conseguia distinguir qual anel era o original. Chamou cada filho em particular e entregou um anel a cada um deles. Depois morreu.
>
> Imediatamente, cada irmão passou a reivindicar o título de príncipe. Analisaram e compararam os anéis, discutiram, brigaram. Tudo em vão: não dava para decidir. Apelaram para o juiz. Cada um jurava que seu anel era o autêntico: tinha a palavra do pai, que seria incapaz de mentir. O juiz ouviu-os longamente. Depois ponderou: 'O anel autêntico, pelo que consta, tem o poder de tornar seu dono agradável a Deus e aos homens. Digam pois: qual de vocês é o mais amado pelos dois outros?' Eles ficaram calados. 'Como é, está acontecendo o contrário? Cada qual ama só a si mesmo? Então nenhum dos três anéis é autêntico... Façam o seguinte. Cada um recebeu um anel de seu pai; cada um continue, pois, convicto de que o seu anel é o original. Talvez o pai não quis que em sua casa continuasse a tirania do anel único, por amá-los todos igualmente. Sigam, pois, o seu caminho; porfiem, os três, em amar sem restrição. Quando o poder do anel se manifestar aos filhos de seus filhos, daqui a milhares de anos, que eles voltem perante o tribunal. Aqui estará assentado alguém mais sábio do que eu. Ele pronunciará a sentença'"[1].

"Sigam, pois, cada um o seu caminho", esse foi o conselho dado pelo juiz. O autor do livro dos Provérbios fala de três coisas que o ultrapassam e uma quarta que ele não compreende. Nas quatro situações aparece o substantivo *caminho*. Caminho da águia, da serpente, da nave e do homem. O substantivo hebraico *Torá*, traduzido por Lei, na verdade significa *ensinamento*, *caminho* que Deus nos dá para seguir. O judeu Jesus, no Segundo Testamento, vai dizer que "feliz" (bem-aventurado) é o pobre que anda nos "caminhos" de Deus, no seu Espírito (Mt 5,3).

A reflexão, que ora empreendemos, quer analisar o caminho seguido pelo povo de Israel, seus erros e acertos, suas tentativas de sempre querer manter-se no caminho de Deus. Vamos procurar beber no poço do judaísmo, nossa fonte primária. O nosso caminho é o do cristianismo, o que não nos impede de, numa atitude ecumênica, buscar luzes que possam nos ajudar a entender as mutações culturais de que falávamos anteriormente. Judaísmo e cristianismo são como mãe e filha. Procurar entender como a cultura judaica interpretou a Palavra de Deus é beber no próprio poço da fé, é buscar luzes que nos possam ajudar a sair do fundo do poço, onde sonhos, esperanças, utopias tornaram-se sinônimos de apatia, marasmo. Vamos procurar compreender como a Bíblia judaica, o Primeiro Testamento, registrou a experiência de Deus; quais luzes essa experiência nos oferece para entender a nossa prática cristã hodierna.

1. A base da teologia cristã

Na visão judaica, Deus criou o universo e os povos, e dentre esses escolheu Israel como povo e terra, para que outros povos e terras, por meio de Israel, pudessem conhecer Deus. A escolha implica testemunho. Os pilares do Primeiro Testamento são:

1. Resumido de G.E. LESSING, "Nathan der Weise" (1799), 3º ato, 7ª cena.

Povo, *Torá*, *Terra* e *Templo*. Se não entendermos o significado de cada um deles, não poderemos entender o Primeiro Testamento e nem tampouco o Segundo. Como entender a comunidade dos primeiros cristãos como "Novo Israel" se não compreendermos a formação do povo de Israel? Como entender Jesus como sendo a Torá encarnada, se não conhecermos a Torá do Sinai? Como compreender a categoria "Reino de Deus", sem o entendimento do que seja a Terra Prometida? Como entender a presença de Deus em Jesus, sem compreender o Templo como morada e presença de Deus na terra? Tais premissas não querem, de maneira alguma, chegar à conclusão de que nós, os cristãos, somos o verdadeiro povo de Deus. Todos nós, judeus e cristãos, somos o povo de Deus. Os rabinos – analogamente a Platão, no Banquete – ensinavam que Deus criou o ser humano andrógino e o serrou ao meio. E é por isso que todo homem (masculino) vive à procura de sua parte perdida, a mulher (feminino), e vice-versa. Assim acontece com o cristianismo e o judaísmo. Assim como a humanidade é homem e mulher, o povo de Deus é formado pelo oriente judeu e o ocidente cristão. Infelizmente, a nossa história foi marcada pela ruptura entre cristãos e judeus e não por uma integracão entre esses.

Os limites deste artigo nos impedem de analisar cada um dos quatro pés que formam a mesa do Primeiro Testamento. Vamos priorizar a Torá, visto ter sido essa o objeto de estudo dos rabinos, após a destruição do templo, no ano 70 da era comum (dC).

1.1. A Torá: sua revelação e transmissão

Na concepção judaica temos duas Torás, a oral e a escrita. A Torá escrita é a Bíblia, a qual está dividida em três partes: Torá, Profetas e Escritos. A Torá é composta pelo Pentateuco. Neste Deus se revela. Os rabinos ensinavam que se você quer saber o que Deus quer, basta estudar a Torá. Por Profetas se entende profetas e livros históricos. Os profetas foram enviados por Deus para recolocar o seu povo no caminho da Torá, na vivência dos ensinamentos deixados por Ele. Os profetas são como a luz de Deus que se projeta sobre o ser humano. Os Escritos são os Livros Sapienciais e os Salmos. Nestes, o ser humano reflete sobre a vida à luz de Deus e lhe responde em forma de oração.

A Torá oral é a interpretação da Torá escrita. Moisés teria recebido a Torá escrita no Sinai e as regras de sua interpretação, as quais foram transmitidas de geração em geração, sem descontinuidade, até chegar aos sábios do Talmude (séc. IV dC). Se, por um lado, parece clara a definição das duas Torás, por outro, existe no judaísmo um ponto paradoxal: a Torá oral precede a escrita. A Torá oral estava incluída na escrita.

2. A literatura rabínica

Depois da destruição do templo de Jerusalém, no ano 70 dC, teve início em Israel um movimento que visava recolher por escrito a tradição oral de interpretação da Torá escrita. Desse movimento nasceram obras como Mishná e o Talmude.

2.1. A Mishná

Nos anos 200 a 220 dC, o Rabi Yehudáh Há-Nassi redigiu a Mishná, obra clássica da literatura judaica que reúne 5 séculos de tradição (300 aC a 200 dC). Depois da Bíblia, ela é o documento religioso mais importante do judaísmo. Mishná vem do verbo *shanah* que significa repetir. Mais tarde, recebeu o significado de estudar e foi aplicado ao estudo da Torá oral para indicar o seu método próprio: a memorização e recapitulação.

Composta de 6 ordens, a Mishná trata de temas referentes à vida: sementes (leis referentes à agricultura); tempo fixo de festas; mulheres (casamento, divórcio, votos); danos (leis civis e criminais, do pecado, da idolatria); coisas santas (abatimento ritual de animais, templo, sacrifícios); pureza (leis de pureza e impureza rituais).

2.2. Os Talmudes

Redigido nos séculos IV e V dC, o Talmude é o comentário e discussões dos rabinos sobre a Mishná. Existem dois Talmudes, aquele redigido em Jerusalém e o da Babilônia. O de Jerusalém é o mais antigo.

Os comentários aos textos da Mishná são vários. Muitas vezes eles são contraditórios. Para um mesmo assunto existem várias opiniões e todas elas são respeitadas. Assim é o judaísmo a cultura, por excelência, da discussão. É um modo diferente de se posicionar diante dos fatos. Todas as opiniões são importantes. Não existe uma verdade a ser seguida. Vejamos como exemplo o comentário talmúdico de Jebamot 61b-64a (ordem das mulheres, na Mishná) sobre a importância de cumprir o dever sagrado da procriação:

> "Um homem não deve abster-se de procriar, a não ser que já tenha tido filhos. A escola de Shammai diz: dois meninos; a escola de Hillel: um menino e uma menina; na verdade se diz: 'Macho e fêmea o criou'" (Gn 5,2).

Logo adiante, a discussão continua:

> "Uma outra doutrina diz que Rabi Natã disse: A escola de Shammai disse: um menino e uma menina. A escola de Hillel disse: um menino ou uma menina. Disse Rabi Raba: qual motivo dá Rabi Natã para a escola de Hillel?"[2]

2.3. A Halaká e a Hagadá

A literatura rabínica se divide em dois grandes grupos: a Halaká e a Hagadá. A primeira compreende as discussões e decisões de ordem jurídica. A segunda é, por eliminação, tudo que não é Halaká. Na verdade, Halaká é o que concerne às leis, preceitos dados pelos sábios para serem seguidos. O entendimento dos rabinos era que Deus deu a Torá, mas ela deve ser interpretada. Deus deu a lei "não matar", mas são os casos que se enquadram nessa lei. Se eu, por exemplo, cravar uma faca no peito

2. O texto segue com as argumentações.

de alguém e a pessoa não morrer, teria eu desobedecido a lei de Deus. Os rabinos, e não o povo, procuram encontrar resposta para casos como esse. Vejamos, como exemplo, a Halaká dos rabinos sobre Lv 24,17: "Se um homem golpear um ser humano, quem quer que seja, deverá morrer":

> "No caso que um homem tenha sido golpeado por dez homens com dez bastões e tenha morrido; caso a ação de golpear tenha sido realizada em conjunto ou cada homem tenha golpeado um após o outro, eles estão livres.
>
> Rabi Yehudá filho de Batyra diz: se um golpeou depois do outro, o culpado é o último, porque é ele o causador da morte.
>
> Disse rabi Yochanan: todos eles fundamentaram as suas opiniões sobre o mesmo versículo bíblico: 'Quem golpear um ser humano de morte...' (Lv 24,27, literalmente: "toda" ou "toda a vida de um homem").
>
> Os rabinos pensavam: 'toda a vida' – até que toda a vida esteja nele.
>
> E Rabi Yehudá, filho de Batyra; pensa: 'toda a vida' – tudo aquilo que ainda tem vida".

A Hagadá, ao contrário, tendo a preocupação didática, é formada de estórias rabínicas de cunho bíblico, vida dos sábios e heróis da história judaica. Imaginação e humor não faltam nessas estórias. A Hagadá preocupa-se também com o fim dos tempos, anjos, demônios, messias, etc. O texto *hagádico*, mais do que ser histórico, tem um cunho moral e até mesmo folclórico. Para mostrar a importância do estudo da Torá, os rabinos contam a seguinte Hagadá:

> "Se diz ao sensual: por que você estudou a Torá? Quando ele responde: – 'eu era muito bonito e por isso me preocupei com os desejos'; responda-lhe: por acaso você era mais bonito que José?
>
> Conta-se o seguinte do justo José: a cada dia a mulher de Putifar procurava seduzi-lo com palavras. As vestes que ela usava de manhã, por amor a José, não as usava à noite. As vestes que ela usava à noite, por amor a José, não as usava de manhã.
>
> Ela disse-lhe: escuta-me! Ele respondeu: não!
>
> Ela disse-lhe: veja que te mandarei prender!
>
> Ele respondeu: Faça justiça aos oprimidos (Sl 146,7).
>
> Eu seduzo o seu corpo!
>
> 'O Senhor levanta quem caiu' (Sl 146,8).
>
> Eu cego os seus olhos!
>
> 'O Senhor abre os olhos do cego' (Sl 146, 8).
>
> Ela lhe deu dez mil talentos de prata, de modo que ele pudesse ceder e 'deitar-se com ela' (Gn 39,10); mas ele não aceitou deitar-se com ela, 'unir-se' neste mundo; 'oferece-se a ela' no mundo futuro".

2.4. O Midraxe

O Midraxe é o comentário rabínico da Bíblia feito de modo que o sentido oculto da Torá possa ser entendido por todos. Recorrendo a vários gêneros literários como narração, parábola, hagadá, etc., o Midraxe tem como objetivo aclarar o sentido difícil do texto bíblico e com isso ensinar e encorajar o povo de Deus. O Midraxe designa o conjunto da antiga exegese judaica[3]. Um exemplo interessante de Midraxe é o feito através de letras. Os rabinos procuram encontrar o sentido oculto até mesmo de uma letra. Na mentalidade rabínica, nada está por acaso no texto bíblico. Foi assim que um dia Rabi Yona perguntou em nome de Rabi Levi: *Por que o mundo foi criado com o beth*[4]*?* Tal pergunta proporcionou várias respostas, tais como:

> a) "Assim como a letra beth é fechada de todos os lados e aberta na frente (ב), assim também não te é permitido perguntar: que há em cima, que há embaixo, que há em frente, que há depois? Mas tu não podes indagar sobre o que se passa desde a criação do mundo. Podes indagar desde o dia em que foram criados, mas não o que havia anteriormente"[5].
>
> b) "O beth corresponde ao número 2 em hebraico; assim a criação do mundo com ela tem a função de evidenciar que existem dois mundos: este daqui e o que há de vir".
>
> c) "O beth é a letra da bênção (berakhá) e o aleph a da maldição" (arirá).
>
> d) "O beth tem duas pontas, uma para o alto e outra para atrás e embaixo (ב). À pergunta quem te criou? ela mostra com a ponta do alto e diz: Aquele que está no alto, foi Ele quem me criou. E qual é o seu nome? Ela mostra com a ponta de trás e diz: O Senhor é o seu nome (Elohim)"[6].
>
> "Rabi Eleazar bar Avina diz em nome de Rabi Aha: Durante vinte e seis gerações, o aleph queixou-se diante do trono do Santo, Bendito seja ele, e dizia-lhe: Senhor do mundo, sou a primeira das letras e tu não criaste teu mundo comigo! O Santo, Bendito seja ele, respondeu-lhe: O mundo e tudo o que ele contém foram criados unicamente por causa da Torá, como foi dito: O Senhor fundou a terra sobre a Sabedoria (Pr 3,19). Amanhã virei dar a Torá, sobre o Sinai, e começarei contigo e com mais ninguém, como foi dito: Eu[7] sou o Senhor teu Deus" (Ex 20,2).

Se o *beth* teve a honra de iniciar o relato da criação, o *aleph* tem o privilégio de ser a primeira letra da revelação do Sinai, coisa não menos importante.

3. Para um estudo sobre os Midraxes e citações destes feitas por nós nesse artigo, cf. E. KETTERER-M. REMAUD. *O midraxe*. Documentos do mundo bíblico, 9. São Paulo: Paulus, 1996.

4. A letra beth (ב) é a segunda do alfabeto hebraico, a primeira é aleph (א – transcrito como ').

5. O hebraico é escrito da direita para a esquerda.

6. A primeira letra de Elohim é o aleph.

7. Na revelação da Torá, as primeiras palavras são essas de Ex 20,2 e a letra inicial é o aleph do pronome pessoal eu (*'nokî*).

3. Os métodos de leitura rabínica das escrituras

Na literatura midráxica podemos encontrar vários procedimentos, os quais revelam os métodos exegéticos usados pelos rabinos. Destacamos o "Colar" e o "Raciocínio por analogia" e a "alegoria". O primeiro, *Hariza*, procura reconstituir a unidade da Escritura como reflexo da unidade de Deus. Por isso, de um mesmo tema ou assunto, forma-se um colar de versículos das três partes da Bíblia hebraica (Lei, Profetas e Escritos). O segundo, *Gezera shava*, consiste em aproximar passagens da escritura que apresentam pontos comuns no vocabulário, na sintaxe ou no conteúdo global. Já o terceiro método, alegoria, procura explicar as possibilidades de interpretação metafórica dos vocábulos, independentemente de seu uso bíblico[8].

Nos vários métodos de exegese rabínica encontramos níveis da leitura.

3.1. Os níveis da leitura rabínica das escrituras

A exegese rabínica apresenta quatro níveis na leitura dos textos, a saber: literal ou simples; alusivo ou insinuação; meditação; místico.

a) Literal ou simples (*Peshat*)

Consiste em ler o texto no seu sentido literal. Se o texto diz: "Jacó desceu ao Egito", esse é o seu sentido. Se necessário, pode-se fazer uso da gramática ou filologia para entender o sentido do texto.

b) Alusivo ou insinuação (*Rèmèz*)

Nesse nível, o texto é interpretado com a ajuda de outros versículos que tratam do mesmo tema. Por ex.: Gn 2,7 diz que Deus criou o homem do pó da *terra*. Já Ex 20,24, falando sobre o altar de sacrifícios, diz que ele deverá ser construído de *terra*. A interpretação feita pelos rabinos é que fomos feitos da terra e com ela seremos redimidos.

c) Meditação (*Derash*)

O terceiro nível procura meditar o texto para descobrir o seu sentido oculto. E daí nasce o Midrash, de que já falamos anteriormente. É preciso atualizar o texto para que os ouvintes possam compreendê-lo. Raul Ruijs, biblista franciscano de saudosa memória, assim contava as parábolas[9]: "O Reino de Deus é como a luz elétrica. Para quem não liga, não clareia" (Mt 5,14-16; 6,22-23). Ou ainda: "O Reino de Deus é semelhante a uma garrafa de cerveja. Uma vez aberta, não pode ser guardada, pois perde o seu sabor" (Mt 5,13; Mc 9,13).

8. Exemplos desses métodos encontram-se em: E. KETTERER-M. REMAUD. *O Midraxe*. Documentos do mundo da Bíblia, 9. São Paulo: Paulus, 1996.

9. Cf. R. RUIJS. *Parábolas*, in: INFORMAC, 1974, p. 45 e 49.

d) Místico (*Sôd*)

Consiste em encontrar o segredo do texto, fazer uma experiência com o texto. Poucos rabinos atingiram esse nível.

Os quatro níveis procuram levar o estudioso da Torá a uma plenitude simbólica, ao *paraíso* (em hebraico *PaRDèS*, formado de modo acróstico). A interpretação da Torá possibilita o retorno ao paraíso perdido.

4. A espiritualidade judaica

O estudo da Torá Escrita (Pentateuco) e da Oral (Mishná, Talmude e Midraxe), bem como a questão da "Terra de Israel", constituem o caminho régio da espiritualidade judaica[10]. Nesses dois eixos move-se o judaísmo, criando uma espiritualidade festiva, espontânea, feita de corporeidade, simbolismo e memória. A caridade é fundamental. Confessar os pecados é confessar a misericórdia de Deus. Todos devem lutar para restaurar a imagem de Deus e buscar um equilíbrio social.

Vejamos como exemplo as questões da caridade e da imagem e semelhança de Deus.

4.1. A Caridade

Uma Hagadá tirada do Talmude babilônico conta a história da filha de Rabi Aquiba e seu ato de caridade que a salvou da morte. Assim diz o texto[11]:

> "Rabi Aquiba tinha uma filha. Os caldeus lhe disseram: 'No dia em que ela entrar no quarto nupcial será mordida por uma cobra e morrerá'. Ele ficou profundamente inquieto. No dia (do seu casamento) ela tomou o seu prendedor de cabelo e o colocou na fenda (da parede); ora, a ponta fixou no olho de uma cobra. De manhã, quando ela o tirou, a cobra estava presa e veio junto. Seu pai lhe perguntou: 'Que fizeste?' Ela lhe respondeu: 'Ontem à noitinha, um pobre veio e implorava à porta; mas todos estavam entretidos com o jantar e ninguém ouviu. Então, eu me levantei, tomei a porção que me cabia e lhe dei'. Ele lhe disse: 'Tu cumpriste um mandamento'. Rabi Aquiba saiu e interpretou: 'A esmola liberta da morte' (Pr 10,2) e não somente de uma morte estranha, mas da morte ela mesma'".

Essa estória mostra a importância da caridade. A pequena noiva, talvez com os seus doze anos, salvou a sua vida por causa do seu ato de caridade. Quando todos estavam preocupados com a festa, ela ouviu o clamor dos pobres. Seu pai Aquiba compreendeu, então, que o cumprimento de um dos 613 prescritos na Torá, o da esmola, livra da morte. Aqueles que fazem o bem serão salvos.

10. Cf. P. DE BENEDETTI. "A espiritualidade do hebraísmo", *Studi, fatti, ricerche* 13 (1981).

11. Cf. T.B. Shabat 156b.

4.2. À imagem e semelhança de Deus

Em Gn 1,26 encontramos o famoso texto da criação: "E Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra'".

Não vamos aqui entrar em todos os pormenores da interpretação rabínica desse texto. Queremos simplesmente entender a questão da imagem e semelhança e a sua relação com o verbo "dominar". Rashi, grande sábio judeu e comentador da Escritura e Talmude, interpretou "imagem" como "segundo o nosso (de Deus) modelo". Desse modo, a concepção coloca o ser humano na condição de imagem de Deus. Já a semelhança é vista como algo a ser adquirido. O ser humano torna-se semelhança de Deus na medida em que ele assume a sua condição de co-criador com Deus. Deus lhe confere essa condição fazendo-o à sua semelhança. Nesse sentido, entende-se também o sentido de "que eles dominem". O verbo dominar em hebraico (*rdh*) significa dominar e descer. Se o ser humano, tendo consciência que é imagem de Deus, lutar para que a semelhança possa tornar-se realidade, ela será um co-criador e dominará as criaturas, i. é, viverá em harmonia com elas; caso contrário, essas o dominarão e ele descerá, tornar-se-á como animal, e será destruído pela natureza.

Acreditamos que essa chave de leitura nos ajuda a entender o Sl 8 e toda a relação do ser humano com a natureza e sua divinização, expressa em forma de oração nos salmos.

Em nossos dias, estamos vivendo um processo rápido de destruição da natureza e com ela do ser humano. Não seria isso reflexo do não-entendimento do que seria esse ser "imagem e semelhança de Deus"? Rashi nos ilumina, quando interpreta Gn 1,27 desse modo. Agrava-se ainda mais a questão quando tomamos consciência de que recente pesquisa descobriu que o ser homem começa a ficar impotente. A cada ano o homem produz 2% a menos de espermatozóides. Um homem nascido na década de 50 produz 150 milhões de espermatozóides por ml.; um da década de 70, 75 milhões; e um da década de 90, somente 50 milhões. Quando chegarmos a 20 milhões a fertilidade humana estará comprometida e aí então será tarde demais. Pesquisadores chegarão à conclusão que a causa dessa infertilidade, bem como a de cânceres de mama e de próstata, é a poluição da natureza. As substâncias químicas despejadas nos rios não ficam na água, elas vão para os peixes e os destroem ou os transformam em hermafroditas. O ser humano está sendo contaminado por produtos químicos armazenados nos plásticos, o que lhe causa infertilidade e feminilização .

Infertilidade leva ao não cumprimento da ordem divina expressa em Gn 1,28: "Crescei e multiplicai-vos". Procriar é dever sagrado para o judaísmo. Ninguém pode abster-se de procriar, quem não o faz é um assassino.

5. A modo de conclusão: um caminho ensina o outro a estar no caminho de Deus

1. O Midraxe com seu jeito simples e bem humorado de ensinar coloca em xeque o nosso modo de evangelizar. Vivemos em tempos de informática. Hoje, não vale

somente a oratória. É preciso saber comunicar-se usando recursos visuais. A juventude segue um caminho e as nossas igrejas, outro. Não conseguimos atingi-los com os nossos discursos teológicos inacessíveis e pouco atualizados. Falta-nos a consciência de que o modo como uma mensagem é transmitida deve ser adaptado ao tipo de público, porém, a mensagem deve ser sempre anunciada de forma vibrante e apaixonada. Cremos que devemos passar por um processo de revisão do modo de ensinar Deus. O ensinamento rabínico nos ensina a valorizar os fatos, até mesmo aqueles banais, mais que a *verborréia* de nossos discursos repetitivos.

2. Hoje se faz necessário encontrar um caminho exegético que possibilite a integração dos modos de interpretar as Escrituras judaica e cristã. Isso nos possibilitará entender os valores cristãos do Segundo Testamento em relação aos do Primeiro, sem desmerecer nem um nem outro, mas entender todos como manifestação da vontade de Deus para o seu povo do oriente judeu e do ocidente cristão. Os futuros pastores de nossos seminários teológicos deveriam ter uma formação acadêmica voltada para um diálogo inter-religioso. Não seria a hora de colocar no currículo a matéria judaísmo ou exegese rabínica?

3. A exegese rabínica se nos apresenta como cultura da discussão. Cada rabino pode dar a sua opinião. A discussão permanece aberta. Uma escola ensina uma coisa e outra ensina o contrário. E todas têm razão. Esse modo de proceder muito nos ilumina. O dogmatismo da fé ocidental parece ter esquecido a sua origem. A verdade não está comigo, nem com você; ela está entre nós.

4. A leitura popular da Bíblia, que muito anima as nossas comunidades, parece encontrar semelhanças no seu modo de proceder na exegese rabínica. Todos falam, todos interpretam. Cada texto, dito e redito, lido e relido, sempre traz luzes novas. São como fotos envelhecidas que dão força para o presente, que um dia também será passado. Nesse sentido, não seria interessante dar condições às nossas comunidades de fazer um estudo que resgatasse os valores da fé judaica presentes no Segundo Testamento, o que nos possibilitaria entender os valores cristãos, sem desmerecer os judaicos? Por que não começar pelo evangelho de Mateus?

5. Na cultura rabínica a dedicação ao estudo da Torá, o desejo pelo saber, sempre foi de fundamental importância. A Torá é vista como sendo a "outra"[12]. Em nossos dias assistimos cada vez mais a uma desprofissionalização dos nossos líderes religiosos. Os profissionais se preocupam com a reciclagem, menos os padres. E não seria isso uma das causas de tantos discursos de altar vazios, sem quê nem para quê? A maioria de nossos estudantes de teologia está mais preocupada em receber o diploma de "Melquisedec" do que em se preparar bem para a missão que irão exercer. Poderão até vir a ser bons profissionais *do* sagrado, mas não *no* sagrado e, portanto, estarão fora do caminho de Deus.

12. Cf. BOYARIN, D. *Israel Carnal. Lendo o sexo na cultura talmúdica.* Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 145-208.

6. Na virada do milênio, o tema em voga parece ser o do ecumenismo, o do diálogo. Vários textos bíblicos, como Am 9,7; Jó 1,1; Is 42,6; 56,7; os livros de Rute e Jonas, são profundamente ecumênicos. Eles apresentam propostas de diálogo entre os vários grupos que se formaram ao longo da história do povo de Deus. Após o ano 70 dC sobreviveram o grupo dos fariseus e o dos cristãos. Esses brigaram pela legitimidade. Os fariseus se organizaram nas Sinagogas e os cristãos criaram as Igrejas. Anos, séculos se passaram e as diferenças ganharam corpo. Em nossos dias, a busca do diálogo inter-religioso parece apontar para um ecumenismo social. O Messias, na visão judaica, virá quando a era da paz se estabelecer, isto é, quando houver justiça social. Para nós, os cristãos, a luta e realização dessa paz significa a concretização do Reino anunciado por Jesus. Não residiria nisso a possibilidade de integração dos nossos caminhos, tidos como opostos, mas que na verdade apontam para o mesmo Deus, o Senhor da Vida de tantos e tantas que sofrem à beira das estradas de "Jericó"?

Jacir de Freitas Farias
Av. Dr. Hans Peter Kiernss, 336
Bairro Santa Cecília
30668-270 Belo Horizonte, MG